

# Revitalização da W-3 Sul começa a sair do papel

■ Mais do que um novo calçamento, comerciante quer facilitar o acesso à avenida

GLAUCO DE QUEIROZ

Transformar a W-3 Sul na Broadway de Brasília. Esse foi o desejo manifestado pelo governador Joaquim Roriz no fim da campanha eleitoral de 1998, quando passeava de carro com o ex-senador Luiz Estevão pelas ruas da capital. A "revitalização da W-3 Sul", uma antiga aspiração dos comerciantes da avenida, foi estabelecida como uma das metas do governo e começa a ser realizada.

O secretário de Obras, Tadeu Filipelli, em reunião com 75 empresários e comerciantes da W-3 Sul, na semana passada, anunciou o início da primeira etapa das obras: reforma de 547 metros quadrados de calçamento e colocação de mais de um milhão de metros de meios-fios, que vão custar R\$ 151 mil ao GDF.

No entanto, os planos e anseios dos comerciantes vão além

do calçamento novo e de meios-fios. "Queremos transformar a W-3 Sul em um ponto de encontro da sociedade brasiliense, como era antigamente", afirma o "prefeito" da avenida, Hely Walter Couto. Ele é um dos primeiros comerciantes da W-3 Sul, pois em 1959 abriu a "Pioneira da Borracha". Couto defende a volta dos restaurantes, a criação de um ponto cultural nas praças 21 de Abril e do Compromisso (que tem esse nome em homenagem ao índio Galdino, assassinado no ponto de ônibus) e o estreitamento da via em frente às lojas para construir estacionamentos, com a construção de outra via no canteiro central.

A falta de estacionamentos é uma das causas da falta de movimento no comércio da W-3 Sul, já que os clientes são obrigados a parar os carros bem longe das lojas. O estreitamento da via pode abrir cerca de 3,4 mil

estacionamentos. Mas Hely quer também o fim da poluição visual na W-3 Sul, com o fim das pichações e placas de publicidade que vão contra o tombamento de Brasília. "Ninguém vem aqui à noite", reclama Hely, referindo-se à fraca iluminação do local.

A comerciante Eloíza Ferreira Carneiro é proprietária de uma loja de ferragens na W-3 Sul. Ela conta que há oito anos o movimento era melhor. "Sábado à tarde enchia de gente e vendíamos muito mais do que hoje", lembra. O faturamento da loja de Eloíza - que emprega seis funcionários - chegava a cerca de R\$ 2,5 mil por dia em 1996 e hoje não passa de R\$ 900. Para melhorar a renda, resolveu construir 10 quitinetes sobre a loja.

**Potencial** - Uma pesquisa da Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio), confirma que a falta de estaciona-

mentos é a principal queixa de 67% dos usuários da W-3 Sul. "Brasiliense não gosta de andar a pé", analisa o presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, Carlos Magno. Ele explica que a revitalização começou a ser necessária há 10 anos, com o aumento do número de shoppings-centers, os mais fortes concorrentes do comércio nas ruas. No entanto, Carlos Magno acredita no potencial da W-3 Sul: "É uma avenida vocacionada para a área econômica".

O Cadastro das Empresas em Atividade mostra que existem 582 estabelecimentos na W-3 Sul. Há uma variedade grande de atividades e 28% são bancos. Mas a predominância é do setor automotivo: 26% são lojas de manutenção e serviços em autos, 17% comércio de peças e acessórios para autos e 10% comércio de veículos.

Davi Zocoli



Eloíza Ferreira, dona de uma loja, conta que há oito anos o movimento era muito maior na avenida, que enchia aos sábados